

## XXX

## HERANÇA E EUTANÁSIA

Ainda não voltara a mim da profunda surpresa, quando Salústio se aproximou, informando à Narcisa:

— Nossa irmã Paulina deseja ver o pai enfermo, no Pavilhão 5. Antes de atender, julguei razoável consultá-la, porque o doente continua em crise muito águda.

Mostrando gestos de bondade que lhe eram característicos, Narcisa acentuou:

— Mande-a entrar sem demora. Ela tem permissão da Ministra, visto estar consagrando o tempo disponível em tarefa de reconciliação dos familiares.

Enquanto o mensageiro se despedia apressado, a enfermeira bondosa acrescentava, dirigindo-se a mim:

— Você verá que filha generosa!

Não decorrera um minuto e Paulina estava diante de nós, esbelta e linda. Trajava uma túnica muito leve, tecida em sédia luminosa. Angelical beleza caracterizava-lhe os traços fisionómicos, mas os olhos denunciavam extrema preocupação. Narcisa apresentou-me delicadamente e, sentindo talvez que poderia confiar na minha presença, perguntou, algo inquieta:

— E papai, minha amiga?

— Um pouco melhor — esclareceu a enfermeira — no entanto, ainda acusa desequilíbrios fortes.

— E' lamentável — retrucou a jovem — nem ele, nem os outros cedem no estado mental a que se recolheram. Sempre o mesmo ódio e a mesma displicência.

Narcisa nos convidou a acompanhá-la, e, minutos

após, tinha diante de mim um velho de fisionomia desagradável. Olhar duro, enbeleira desgrenhada, rugas profundas, lábios retrádos, inspirava mais piedade que simpatia. Procurei, contudo, vencer as vibrações inferiores que me dominaram, a-fim-de observar, acima do sofredor, o irmão espiritual. Desapareceu a impressão de repugnância, aclarando-se-me os raciocínios. Apliquei a lição a mim mesmo. Como teria chegado, por minha vez, ao Ministério do Auxílio? Deveria ser horrível meu semblante de desespero. Quando examinámos a desventura de alguém, lembrando as próprias deficiências, há sempre asilo para o amor fraterno, no coração.

O velho enfermo não teve uma palavra de ternura para a filha que o saudou, carinhosa. Através do olhar, que evidenciava aspereza e revolta, semelhava-se a uma fera humana enjaulada.

— Papai, o senhor sente-se melhor? — perguntou com extremo carinho filial.

— Ai!... Ai!... — gritou o doente em voz estentórica — não posso esquecer o infame, não posso descançar o pensamento... — Ainda o vejo a meu lado, ministrando-me o veneno mortal!...

— Não diga isso, papai — pediu a moça generosa — lembre-se que Edelberto entrou em nossa casa como filho, enviado por Deus.

— Meu filho?! — gritou o infeliz — nunca! nunca!... E' criminoso sem perdão, filho do inferno!...

Paulina falava, agora, com os olhos razoas dagua:

— Ouçam-nos, papai, a lição de Jesus, que recomenda nos amarmos uns aos outros. Atravessamos experiências consanguineas, na Terra, para adquirir o verdadeiro amor espiritual. Aliás, é indispensável reconhecer que só existe um Pai realmente eterno, que é Deus; mas o Senhor da Vida nos permite a paternidade ou a maternidade no mundo, a-fim-de aprendermos a fraternidade sem mácula. Nossos lares terrestres são cadinhos de purificação dos sentimentos ou templos de união sublime, a caminho da solidariedade universal. Muito lutamos e padecemos, até adquirir o verdadeiro título de irmão.

Somos todos uma só família, na Criação, sob a bênção providencial de um Pai único.

Ouvindo-lhe a voz muito meiga, o doente se pôs a chorar convulsivamente.

— Perdoe Edelberto, papai! procure sentir nele, não o filho leviano, mas o irmão necessitado de esclarecimento. Estive em nossa casa, ainda hoje, lá observando extremas perturbações. Daqui, deste leito, o senhor envolve todos os nossos em fluidos de amargura e incompreensão, do mesmo modo por que elas lhe fazem o mesmo. O pensamento, em vibrações sutis, alcança o alvo, por mais distante que esteja. A permuta de ódio e desentendimento causa ruína e sofrimento nas almas. Mamãe recolheu-se, há alguns dias, ao hospital, ralada de angústia. Amália e Cacilda entraram em luta judicial com Edelberto e Agenor, em virtude dos grandes patrimônios materiais que o senhor ajuntou nas esferas da carne. Um quadro terrível, cujas sombras poderiam diminuir, se sua mente vigorosa não estivesse mergulhada em propósitos de vingança. Aqui, vemo-lo em estado grave; na Terra, mamãe louca e os filhos perturbados, odiando-se entre si. Em meio de tantas mentes desequilibradas, uma fortuna de um milhão e quinhentos mil cruzeiros. E que vale isso, se não há um átomo de felicidade para ninguém?

— Mas eu leguei enorme patrimônio à família — atalhou o infeliz, rancorosamente — desejando o bem estar de todos...

Paulina não o deixou terminar, retomando a palavra:

— Nem sempre sabemos interpretar o que seja benefício, no capítulo da riqueza transitória. Se o senhor assegurasse o futuro dos nossos, garantindo-lhes a tranquilidade moral e o trabalho honesto, seu esforço seria de valiosa previdência; mas, às vezes, papai, costumamos amealhar o dinheiro por espírito de validez e ambição. Querendo viver acima dos outros, não nos lembramos disso, senão nas expressões externas da vida. São raros os que se preocupam em ajudar conhecimentos nobres, qualidades de tolerância, luzes de humildade, bençãos de

compreensão. Impomos a outrem os nossos caprichos, afastamo-nos dos serviços do Pai, esquecemos a lapidação do nosso espírito. Ninguém nasce no planeta, simplesmente para acumular moedas nos cofres, ou valores nos bancos. É natural que a vida humana peça o concurso da previdência, e é justo que não prescinda da contribuição de mordomos fiéis, que saibam administrar com sabedoria; mas ninguém será mordomo do Pai com avarice e propósitos de dominação. Tal gênero de vida arruinou nossa casa. Debalde, noutro tempo, busquei levar socorro espiritual ao ambiente doméstico. Enquanto o senhor e mamãe se sacrificavam por aumentar haveres, Amália e Cacilda esqueceram o serviço útil e, como preguiçosas da banalidade social, encontraram ociosos que as desposaram, visando vantagens financeiras. Agenor repudiou o estudo sério, entregando-se a más companhias. Edelberto conquistou o título de médico, alheando-se por completo da medicina e exercendo-a tão somente de longe em longe, à maneira do trabalhador que visita o serviço por curiosidade. Todos arruinaram belas possibilidades espirituais, distraídos pelo dinheiro fácil e apegados à idéia de herança.

O enfermo tomou uma expressão de pavor e acrescentou:

— Maldito Edelberto! Filho criminoso e ingrato! Matou-me sem piedade, quando ainda necessitava regularizar minhas disposições testamentárias! Malvado!... Malvado!...

— Cale-se papai! tenha compaixão de seu filho, perdão e esqueça!...

O velho, porém, continuou a praguejar em voz alta. A jovem preparava-se para discutir, mas Narcisa endereçou-lhe o significativo olhar, chamando Salustio para socorrer o doente em crise. Calou-se Paulina, acariciando a fronte paterna e contendo, a custo, as lágrimas. Daí a instantes, retirava-me em companhia de ambas, sob forte impressão.

As duas amigas trocaram confidencias, ainda por alguns minutos, despedindo-se Paulina a evidenciar mul-

ta generosidade nas frases gentis, mas muita tristeza no olhar afogado em justa preocupação.

Voltando à intimidade, Narcisa disse, bondosa:

— Os casos de herança, em regra, são extremamente complicados. Com raras exceções, acarretam enorme peso a legadores e legatários. Neste caso, porém, vemos não só isso, mas também a eutanásia. A ambição do dinheiro criou, em toda a família de Paulina, exquisites e desavenças. Pais avaros possuem filhos esbanjadores. Fui a casa de nossa amiga, quando o irmão dela, o Edelberto, médico de apariência distinta, empregou no progenitor, quase moribundo, a chamada "morte suave". Esforçamo-nos por evitar, mas tudo foi em vão. O pobre rapaz desejava, de fato, apressar o desenlace, por questões de ordem financeira, e ai temos agora a imprevidência e o resultado — o ódio e a molestia.

E com expressivo gesto, Narcisa rematou:

— Deus criou seres e céus, mas nós costumamos transformar-nos em espíritos diabólicos, criando nossos infernos individuais.

### XXXI VAMPIRO

Eram vinte e uma horas. Ainda não havíamos descançado, senão em momentos de palestra rápida, necessária à solução de problemas espirituais. Aqui, um doente pedia alívio, ali, outro necessitava passos de conforto. Quando fomos atender a dois enfermos, no Pavilhão 11, escutei gritaria próxima. Fiz instintivo movimento de aproximação, mas Narcisa deteve-me atenciosa:

— Não prossiga — disse — localizam-se ali os desequilibrados do sexo. O quadro seria extremamente doloroso para seus olhos. Guarde essa emoção para mais tarde.

Não insisti. Entretanto, fervilhavam-me no cérebro mil interrogações. Abrira-se um mundo novo à minha pesquisa intelectual. Era indispensável recordar o conselho da progenitora de Lisias, a cada momento, para não me desviar da obrigação justa.

Logo após, às vinte e uma horas, chegou alguém dos fundos do parque enorme. Era um homemzinho de semblante singular, evidenciando a condição de trabalhador humilde. Narcisa recebeu-o com gentileza, perguntando:

— Que ha, Justino? qual é a sua mensagem?

O operário, que integrava o corpo de sentinelas das Camaras de Retificação, respondeu afliito:

— Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas...

— E por que não a atendeu? — interrogou a enfermeira.

O servidor fez um gesto de escrúpulo e explicou:

— Segundo as ordens que nos regem, não pude fazê-lo, porque a pobrezinha está rodeada de pontos negros.